



MANEJO DO GATO OBSTRUÍDO

Eliara Faria Passos Martins^{1*}, Camila Costa Amaral², Daniela Afonso Marquetotti³, Izadora Andressa Bezerra de Souza⁴, Jovita Luiza dos Reis Lima⁵, Mateus Scarpelli de Carvalho⁶, Milene Karoline Jeronimo⁷

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Newton Paiva – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: eliara.martins@outlook.com.br

²Médica Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

³Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Newton Paiva – Belo Horizonte/MG – Brasil

⁴Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Newton Paiva – Belo Horizonte/MG – Brasil

⁵Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Newton Paiva – Belo Horizonte/MG – Brasil

⁶Discente de Pós-Graduação em Nefrologia e Urologia – UFPAE Intercurso – São Paulo/SP – Brasil

⁷Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Newton Paiva – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A obstrução uretral é considerada uma emergência na clínica de felinos, com alta incidência e, quando não tratada corretamente, pode levar o animal a óbito.⁸

É caracterizada por ser uma doença do trato urinário inferior, com bloqueio da saída do fluxo urinário pelo pênis do animal. Com isso, o paciente apresenta posição de micção, com pouca ou nenhuma excreção de urina.⁸ Os sinais clínicos mais comuns são disúria, polaciúria, hematuria e estrangúria. No exame de ultrassom, podem ser visualizados cristais, sedimentos e/ou coágulos responsáveis pelo bloqueio do fluxo urinário. Além disso, devido a disúria, no exame a vesícula urinária apresenta-se repleta.⁸

Como tratamento, inicialmente, o principal objetivo quando um paciente chega com quadro de obstrução uretral é restabelecer o fluxo urinário.^{3,8} No entanto, não significa que, imediatamente, ele necessita ser sedado e desobstruído, visto que pacientes obstruídos podem apresentar várias alterações de parâmetros clínicos e laboratoriais. As mais comuns são bradicardia, bradiarritmias, hipercalemia e acidose metabólica. Com essas alterações, a sedação imediata pode evoluir para o óbito.

Este texto, tem como objetivo discutir sobre o manejo inicial do gato obstruído na clínica de pequenos animais.

MATERIAL

Este trabalho visa discutir o manejo inicial do gato obstruído, baseando-se em informações descritas em artigos buscados em mecanismos virtuais de pesquisa como o Google Acadêmico e Pubvet.

RESUMO DE TEMA

O primeiro passo em pacientes obstruídos é colocá-lo em monitoração cardíaca através do eletrocardiograma para verificar as alterações de bradiarritmias. A principal causa para bradiarritmias e bradicardias é a hipercalemia (nível elevado de potássio no sangue), que podem ser mensurados através de exames de gasometria e dosagem de potássio. Nos casos em que o paciente apresente hipercalemia, inicialmente deve ser feita a cistocentese de alívio antes da desobstrução e colocá-lo em fluidoterapia com ringer lactato.⁴

Caso essa hipercalemia seja grave (níveis acima de 8 mmol/L) deve ser feito protocolo de insulina regular com glicose. A insulina, ao carrear glicose para dentro da célula, leva junto uma molécula de potássio, por isso o potássio sérico diminui nesse protocolo. É imprescindível atentar-se à glicemia do paciente, pois ele pode ter episódios de hipoglicemia após essa manobra.

Após a cistocentese de alívio e o protocolo com insulina regular e glicose, o animal deve ser monitorado no eletrocardiograma e sua frequência cardíaca. Quando o paciente normaliza a concentração de potássio, esses parâmetros tendem a normalizar também. Assim, é indicado repetir a dosagem de potássio e, caso esteja normal, prosseguir para o procedimento de desobstrução uretral.⁴

Com o paciente estável, deve ser realizada a sedação com fármacos que não gerem bradicardia e progredir para a desobstrução. Um exemplo de fármaco que gera bradicardia é a Dexmedetomidina, que deve ser evitado nesse caso.²

O procedimento de desobstrução é feito com a introdução de cateteres de tamanho adequado ao órgão de cada indivíduo e realizada a retropulsão com soro estéril, após certificar-se de que a bexiga está vazia. Quando desobstruído, deve ser fixado uma sonda uretral para realização da lavagem da bexiga, que irá auxiliar na eliminação dos sedimentos e, conseqüentemente, diminuir o tempo de internação.^{4,8}

Para controle de dor, devem ser usados opióides e escalonados com avaliação de dor do paciente. O uso de antiinflamatórios é controverso, pois os não esteróides podem ser nefrotóxicos e os esteroidais não mostraram diferença estatística na melhora do paciente.^{4,7}

A prazosina pode ser usada, entretanto já foi observado que ela não diminui a chance de recidiva do quadro, mas pode apresentar-se como analgésica. Além dos exames de dosagem de potássio, são importantes os exames de sangue como hemograma, dosagem de ureia e creatinina para verificar a intensidade da lesão renal que a obstrução causou. Além de exame de ultrassom para verificar se existe algum urolíto em bexiga ou em rins que pode agravar o quadro e, por último, exame de urina.⁵ Cistites em felinos têm a menor tendência de serem bacterianas primárias, principalmente devido ao pH da urina nessa espécie ser mais baixo.¹ Entretanto, é importante o exame de urina rotineira e urocultura para descartar uma possível infecção.

O manejo mais importante pós internação é o comportamental, visto que a identificação da causa do problema, que, na maioria dos casos, é por estresse, irá auxiliar da melhor forma para o paciente, buscando evitar as recidivas.⁷ Em alguns casos pode ser importante um atendimento especializado em comportamento felino para adequar o manejo, pois é muito comum acontecerem recidivas.

A indicação cirúrgica de uretostomia para paciente obstruído é muito discutida na medicina veterinária, mas a sua principal indicação é quando o paciente chega obstruído e não é possível restabelecer o fluxo urinário pela uretra ou quando o mesmo paciente passa por várias recidivas em um curto período de tempo.⁶

Uma alternativa à uretostomia é a implantação de uma sonda de Foley na bexiga do paciente com saída pela parede abdominal. Esse procedimento oferece tempo para que a uretra do paciente obstruído se recupere e assim não seja necessário uretostomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obstrução uretral em felinos é um quadro frequente na rotina clínica. Dessa forma, precisamos estar atentos ao melhor manejo quando esse paciente chega com essa condição, considerada emergencial. O prognóstico do paciente vai depender de alguns fatores, como o tempo em que ele ficou obstruído e o tempo em que é possível restabelecer o fluxo urinário. Além disso, pacientes que apresentam comorbidades podem ter prognóstico desfavorável em comparação a pacientes hígidos. Após a desobstrução, o manejo comportamental se mostra um pilar crucial na recuperação desse paciente e na diminuição das recidivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, Priscila de Alencar, Cistite em um felino: relato de caso. Revista científica de medicina veterinária - issn 1679-7353 ano xvii - número 34 – janeiro de 2020
2. Bagatini, A., Gomes, C. R., Masella, M. Z., & Rezer, G.. (2002). Dexmedetomidina: farmacologia e uso clínico. Revista Brasileira De Anestesiologia, 52(5), 606–617. <https://doi.org/10.1590/S0034-70942002000500012>
3. GOMES, NICOLE BERTOLINO, OBSTRUÇÃO URETRAL EM GATOS MACHOS: Revisão de literatura, 2020
4. OLIVEIRA, Geovania Santos Rezende. Abordagem clínica e emergencial da obstrução uretral em um felino – relato de caso. 2020. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em



XII Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, 2020.

5. Lima, R. E., Reis, J. C., Almeida, E. L., Teixeira, M. N., Rego, E. W., & Carneiro, A. S. (2007). Avaliação clínica e laboratorial em gatos domésticos com doença do trato urinário inferior submetidos a uretostomia. *Cienc Vet Trop*, 10, 62-73.
6. Pereira, M. D., Dias, T. T., Barwaldt, E. T., Nunes, B. L. M., Lima, E. D. C., & Aguiar, E. S. V. D. (2022). Uretostomia e penectomia em gato: relato de caso.
7. Zanotto, Bruna Meus, Abordagem emergencial do gato com obstrução uretral, 2016
8. YEPES, Gabriela Elisa; DE FREITAS, Noedi Leoni; GOMES, Deriane Elias. OBSTRUÇÃO URETRAL EM FELINOS. *Revista Científica*, v. 1, n. 1, 2019.